

O TEXTO POLÊMICO OU A POLÊMICA DO TEXTO: EREMITISMO, LITERATURA E SOCIEDADE NA CHARTRES DO SÉCULO XII

THE CONTROVERSIAL TEXT OR THE CONTROVERSY OF THE TEXT: EREMITIC, LITERATURE AND SOCIETY IN 12<sup>TH</sup> CENTURY CHARTRES

Gabriel De Carvalho Godoy Castanho<sup>1</sup>  
École des Hautes Études en Sciences Sociales -Paris

---

**Resumo:** O presente artigo aborda os *versus Pagani Bolotini de falsis heremitis qui vagando discurrunt*, escrito por um cônego de Chartres (atual França) no início do século XII. Redigido em um momento de grande efervescência sócio-religiosa marcada pelo recrudescimento ascético e moral da chamada “reforma gregoriana”, o poema nos oferece a possibilidade de abordar a temática eremítica medieval segundo um enfoque renovador: a dinâmica entre literatura e sociedade. Inserido em uma abordagem mais ampla que visa compreender a sociedade como uma totalidade (cujas partes estão sempre em movimento), o procedimento de pesquisa empregado nesse artigo busca conciliar metodologias históricas, literárias e codicológicas a fim de explicitar os fundamentos do processo argumentativo através do qual o poeta construiu a imagem social do falso eremita.

**Abstract:** This article discusses the *versus Pagani Bolotini de falsis heremitis qui vagando discurrunt*, written by a canon of Chartres (France) at the beginning of the twelfth century. Produced in a moment of great religious effervescence characterized by the moral and the ascetic increase of the so called "gregorian reform", this poem offers the possibility of dealing with the medieval eremitism subject according to a renewed approach: the dynamics between literature and society. Our aim is to join historical, literary and codicological methodologies in order to explain the principles of the argumentative process in which the poet built the social image of the false hermit.

**Palavras-Chave:** Retórica e História. Sociedade. Eremitismo.

**Key-words:** History and Rhetoric. Society. Eremitism.

---

Recebido em: 25/11/2011  
Aprovado em: 05/02/2012

---

<sup>1</sup> E-mail: gabrielcgc@terra.com.br

## Datação e autoria

Os *versus Pagani Bolotini de falsis heremitis qui vagando discurrunt* foram editados em 1908 por W. Meyer<sup>2</sup> e em 1958 por J. Leclercq<sup>3</sup>, mas nunca traduzidos<sup>4</sup>. As edições foram acompanhadas pelos dois únicos estudos históricos realizados até nossos dias. Pouco analisado, mas não pouco conhecido, o poema é comumente citado em pesquisas que versam sobre o eremitismo, a pregação, o monasticismo, as comunidades regionais, a poética latina etc., sempre como um exemplo concreto da existência de falsos religiosos que se fazem passar por bons solitários. Passado meio século de sua última edição, é preciso agora retornar ao documento e lê-lo de forma atenta, a fim de colocar a prova esta leitura ortodoxa do movimento eremítico medieval. Para tanto, nosso artigo, visa à (des)construção retórica do poema.

Logo de início, é preciso destacar que não dispomos do manuscrito autógrafo de *Bolotinus*. Possuímos apenas uma única cópia realizada em grafia gótica francesa de c. 1240. Sobre a trajetória desse manuscrito único, sabemos apenas que pertenceu ao mosteiro de Saint-Aubin de Angers até 1740, quando entrou para o acervo da Biblioteca Régia francesa. A nacionalização das coleções, levada a cabo pelos revolucionários a partir de 1789, fez com que o códice passasse a fazer parte da Biblioteca Nacional da França, na qual se encontra até hoje sob o número 8433 da série latina, entre os fólhos 112r e 114 v.

Na busca pela datação do original, é preciso atentar para elementos internos e externos ao documento. Orderic de Vital menciona o poema de *Bolotinus* em sua *Historia Ecclesiastica*<sup>5</sup>. Na passagem, o advérbio *nuper* nos indica proximidade temporal entre os dois escritos, sendo que, no capítulo seguinte, Orderic localiza claramente o momento de sua fala quando diz terem se passado trinta e sete anos

---

<sup>2</sup> MEYER, W., "Zwei Gedichte zur Geschichte des Cistecienser Ordens", In: *Nachrichten von der Königlichen Gesellschaft de Wissenschaften zu Göttingen, Philologisch-historische Klasse*. Berlim, 1908.

<sup>3</sup> LECLERCQ, J., "Le poème de Payen Bolotin contre les faux ermites", In: *Revue Bénédictine*, 68, 1958.

<sup>4</sup> Para o presente artigo confrontamos as edições modernas ao manuscrito a partir do qual elas foram realizadas.

<sup>5</sup> "Paganus Carnotensis canonicus cognomento Bolotinus pulcrum carmen adonico metro nuper edidit, in quo palliat horum hypocrisi superstitiones subtiliter et copiose propalavit." Orderic de Vital, *Historia Ecclesiastica*, livro VIII. In: *Patrologia Cursus Completus. Series Latinas*. MIGNE, J.-P. (Ed.). Paris: Garnier, 1844-1868, vol. 188, col. 636. De agora em diante PL.

desde que Roberto de Molesmes fundou Cister<sup>6</sup>. Ou seja, essas linhas da *Historia* foram escritas no ano de 1135, data que, conseqüentemente, dá as cercanias da confecção do poema.

A questão se complica no que se refere à data a partir da qual o poema teria sido escrito. A menção feita a Hugo de Nevers utiliza sempre verbos no passado (*solebant, habebat, conficiebat, uolebat* v. 293-300 – o uso do imperfeito faz parte da retórica desse poema, dando a entender que as boas ações do bispo se perderam no tempo moderno e corrompido). Sabe-se que Hugo morreu em 1121, ou seja, *Bolotinus* teria escrito após essa data<sup>7</sup>. Corrobora essa possibilidade a menção ao tempo em que os monges negros começaram a ser criticados. Trata-se do verso 196, passagem polêmica, objeto de interpretações contraditórias. Se, de um lado, Meyer e Leclercq concordaram em traduzir “*duobus terque decenis ab annis*” por “trinta e dois anos”, por outro, os autores da *Histoire Littéraire de la France* optaram pelo numeral 12 (opção que mais parece um erro de impressão). Meyer e Leclercq concordam em termos matemáticos, mas não ao significado desse ano. Para Meyer, esse seria mais um indício da contraposição direta estabelecida pelo poeta em relação aos cistercienses (pois os trinta e dois anos remeteriam exatamente à fundação de Cister). Se o texto foi escrito trinta e dois anos após a fundação realizada por Roberto, então sua redação remonta a 1130. Tese combatida por Leclercq, que discorda da identificação do alvo das acusações poéticas. As conclusões apresentadas por Leclercq pareceriam bastante sólidas, não fosse a ausência de explicação das razões da surpreendente precisão com que o poeta marca o princípio dos ataques aos monges beneditinos tradicionais. Dito de outra maneira, se não é contra um grupo monástico específico (no caso os cistercienses) que *Bolotinus* se posiciona, por que tamanha precisão ao apontar o momento em que seus inimigos surgiram? Qual é a função ou lastro da datação manifestada no poema?

De nossa parte, acreditamos, como tentamos demonstrar em outro trabalho<sup>8</sup>, que, embora as acusações não se restrinjam a esse ou àquele grupo, as referências culturais de *Bolotinus* o fazem sempre pensar em função de preceitos pri-

---

<sup>6</sup> “*Iam fere XXXVII anni sunt ex quo Rodbertus abbas, ut dictum est, Cistercium incolui.*” Orderic de Vital, *Historia Ecclesiastica*, livro VIII. In: PL. Vol. 188, col. 641.

<sup>7</sup> FISQUET, H. *La France pontificale (Gallia christiana), histoire chronologique et biographique des archevêques et évêques de tous les diocèses de France depuis l'établissement du christianisme jusqu'à nos jours, divisée en 17 provinces ecclésiastiques*. Archevêché de Sens–Nevers et Bethléem. Paris: E. Repos, 1866. p. 31.

<sup>8</sup> CASTANHO, G. de C. G., *Entre a ermida e a cidade: solitários sociáveis e a produção de significados no século XII*. Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP, 2007. Trabalho do qual o presente artigo deriva.

meiramente monásticos, oriundos da tradição beneditina e depois eclesiásticos; um e outro sempre marcados por uma forma de pensamento calcada na estruturação hierárquica e excludente da sociedade. O autor se opõe as novidades de religião que surgem em sua região. Novidades essas que, de um lado, se inserem no bojo dos anseios reformistas da época, e de outro tem manifestações concretas difíceis de serem rastreadas em seus detalhes, tal como os eremitas independentes que escapam a documentação escrita. Sendo assim, não é de se estranhar a identificação dos falsos eremitas com os cistercienses, ainda que eles não sejam nem os únicos nem os principais alvos do poeta. Podemos ainda destacar um último elemento importante para a delimitação cronológica dos versos. Ao nos dirigirmos à documentação produzida em Chartres, encontramos, em torno do ano 1130, o nome de nosso cônego (com todas suas variações morfológicas) em diversos atos fundiários da abadia de Saint-Père-en-Vallée e da própria catedral, demonstrando o seu relativo relevo social naquela época. Sendo assim, podemos afirmar, junto com seus editores, que *Bolotinus* escreveu seu poema entre 1130-1135, desde que consideremos que a primeira data não está definitivamente fixada, podendo ser recuada alguns poucos anos.

Não nos enganemos, contudo, com o fato de podermos apontar nominalmente o autor. A identificação de *Bolotinus* não é tarefa tão simples. Em primeiro lugar, porque o nome *Paganus* era bastante difundido na região; além disso, o sobrenome *Bolotinus* ou *Belotinus*, aparece relacionado poucas vezes (e de maneira incerta) a *Paganus* nos cartulários e obituários da região. Seguimos aqui o trabalho de Leclercq, que aponta a existência de um *Paganus de Mongervilla*, irmão mais velho de *Herbertus Belotinus*, ambos cônegos da catedral de Chartres. Ainda segundo Leclercq, o poeta teria se tornado cônego em 1106 e ascendido ao arquiidiaconato em 1126, assim permanecendo até 1159 (embora assinasse como diácono no mesmo período). Tal trajetória sugere um canonicato de mais de 50 anos! Seria mais fácil pensar, como o fez Leclercq, na existência de mais de um *Paganus* entre os clérigos chartreses na primeira metade do século XII<sup>9</sup>. De qualquer maneira, é inegável a identificação do poeta com um membro ativo e de importante estatura eclesiástica no capítulo catedralesco entre 1130 e 1135. Vale ainda ressaltar que a função diaconal propiciou a *Bolotinus* uma relação com assuntos seculares que

---

<sup>9</sup> LECLERCQ, J., *op. cit.*, p. 60-63. De resto, uma carta de confirmação de direitos do moinho de Jouy ao mosteiro de Josaphat traz como testemunha um *Paganus Belotinus* e outro *Paganus archidiaconus*. MÉTAIS, Ch., *Cartulaire de Notre-Dame de Josaphat*, T. I, Chartres, Hotel de la Societé Archéologique d'Eure-et-Loire, 1911. p. 121.

marcaram a escritura do poema: primeiramente, o papel sacerdotal que o aproximava dos fiéis por meio da pregação oral litúrgica; em segundo lugar, sua interferência direta nos assuntos administrativos da catedral<sup>10</sup>.

Sabemos que, embora *Bolotinus* tenha alcançado um alto grau na hierarquia eclesiástica chartrense, seus escritos (exceto nosso poema) não tiveram grande brilho além do claustro catedralesco. Não foi um grande pensador da época. Nem mesmo um dos maiores mestres da famosa “escola” capitular. Sua influência se resume a um texto, o que dificulta uma visão mais profunda de seu pensamento e do impacto desse sobre seus pares. Os dados sociológicos podem nos informar melhor sobre esse cônego? Na verdade, não muito. Poucas são as informações que nos chegaram nesse campo. *Mongervilla*, um antigo vilarejo da comunidade de Santeuil no cantão de Auneau, parece ter sido fundada em meados do século XI<sup>11</sup>. Pouco sabemos sobre as riquezas e os poderes daqueles que lá habitavam. Temos a notícia de que, no final do século XIX, algumas ruínas de casas e, até mesmo, de um castelo eram visíveis sobre a pequena colina. Infelizmente, não se sabe precisar ao certo de quando eram essas construções<sup>12</sup>. Entretanto, há um forte indício de

---

<sup>10</sup> A historiografia, de maneira geral, reconhece no início do século XII um processo de regularização dos cônegos através da *regula beati Augustini*. No entanto, o impacto dessa regra foi nuançado em 1946 por DEREINE, Ch., “Vie commune, règle de S. Augustin et chanoines réguliers au XIe siècle”. In: *Revue d’Histoire Ecclésiastique*, 41, 1946. O autor destaca que a expressão *regula beati Augustini* não necessariamente remete à regra de Santo Agostinho. Isso porque, no século XII, o termo *regula* não indicava somente um texto escrito, mas também uma realidade concreta, uma maneira de viver, diríamos hoje, um hábito. As expressões *instituta beati Augustini* e *secundum regulam beati Augustini* revelariam que os cônegos viveriam segundo preceitos agostinianos, mesmo quando não tivessem em suas bibliotecas manuscritos de Santo Agostinho que dissessem respeito à vida em comum. Em suma, essa *regula* era mais uma tradição oral difundida entre os cônegos do que um texto canônico. De todo modo, a regularização canonical teve como uma de suas consequências a afirmação da autonomia dos cônegos (e consequentemente dos bispos por eles eleitos) nos assuntos temporais da catedral, em detrimento dos poderes laicos. De fato, a afirmação episcopal e a canonical andavam juntas no século XII, ao ponto de, em 1130, Inocêncio II, ex-clérigo regular, precisar do apoio de seus colegas de Latrão para vencer a disputa contra o antipapa Anacleto II. Esse momento de ouro para os cônegos regulares duraria cerca de 20 anos (período da redação de nosso poema). MACCARRONE, M., “I Papi del secolo XII e la vita comune e regolare del clero”. In: *La Vita Comune del Clero nei secoli XI-XII*, Atti della settimana di Studio: Mendola, settembre 1959. Milão: Società Editrice Vita e Pensiero, 1961, vol 1. p. 367 e 381. Ver também PROSDOCIMI, L. “A proposito della terminologia e della natura giuridica delle norme monastiche e canonicati nei secoli XI e XII”. In: *La vita comune...* vol 2; e EGGER, C. “Le regole seguite dai canonici regolari nei secoli XI e XII”. In: *La vita comune...*, vol 2.

<sup>11</sup> MERLET, M. L., *Dictionnaire topographique du département d’Eure-et-Loir*. Paris: Imprimerie Impériale, 1861, p. 121.

<sup>12</sup> LEFEVRE, Ed., “Santeuil”. In: *Documents historiques et statistiques sur les communes du Canton d’Auneau arrondissement de Chartres (Eure-et-Loir)*, T. II, Chartres, Garnier, 1869, p. 272.

que a família *Bolotinus* detinha alguma riqueza. No primeiro terço do século XII, encontramos a menção a um *Paganus de Mongeri Villa* (provavelmente pai de nosso cônego) em um documento de doação de terras da família ao mosteiro de Saint-Père-en-Vallée<sup>13</sup>. Percebemos pela carta de doação que a terra doada pelos senhores *Mongervilla* tinha como senhor superior o visconde Hugo de Dune (*Dunensi*). Contudo, isso não significa que a família de nosso autor era desprovida de poderes, pois, evidentemente, a relação entre o visconde e os parentes de *Bolotinus* é de vassalagem e não de servidão. Some-se a isso o fato de a mesma carta abrir as portas do mosteiro para seu pai (seja para receber seu corpo após sua morte, seja para fazer-se monge<sup>14</sup>) e podemos supor que o poeta pertenceu à baixa aristocracia da região de Chartres. Sua entrada no capítulo da catedral teria sido facilitada não só pelas relações de sua família com importantes casas monásticas da região, mas, principalmente, por meio das relações de vassalagem que ligavam *Mongervilla* à Santeuil e essa, por sua vez, ao bispo chartrense<sup>15</sup>.

### Retórica e História

A partir do final dos anos 1960, os historiadores passaram a trabalhar com a fragmentação de abordagens nas ciências humanas, decorrente do relativismo sociológico e cultural em voga. Começou-se a buscar o ponto de vista dos excluídos, dos marginais, dos vencidos, em suma, dos grupos sociais e culturais que se diferenciavam em maior ou menor grau da ordem hegemônica, a fim de enterrar definitivamente a história dos grandes eventos e personagens<sup>16</sup>.

O que se habituou chamar como “história vista de baixo” muitas vezes atentou para o resgate de grupos oprimidos, assumindo gradativamente o aspecto de elogio à pluralidade cultural por intermédio da quebra do paradigma da verdade absoluta em função da afirmação das verdades grupais e, até mesmo, indivi-

---

<sup>13</sup> GUERARD, M., *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Père de Chartres*. T.II, Paris, L'Imprimerie de Crapelet, 1840, p. 425.

<sup>14</sup> “*Accepit a nobis suffragia orationum et alia monasterii beneficia, et sepulturam, quando moreretur, si vellet ad nos se adportari; et, si in sanitate sua vellet ad nos venire et monachus fieri, eum recipiremus.*” GUERARD, M., *op. cit.*, p. 425.

<sup>15</sup> *Mongervilla* era vassala de Santeuil. MERLET, M. L., *op. cit.*, p. 121. Santeuil, por sua vez, era uma vila episcopal. LEFEVRE, Ed., *op. cit.*, p. 262.

<sup>16</sup> Para um balanço claro, simples e direto da dinâmica diacrônica dos estudos culturalistas nas ciências humanas: CUCHE, D., *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999[1996].

duais. Segundo Stone, o ressurgimento da narrativa histórica estava ligado a certa descrença na ação política como motor da história. Esse movimento era decorrente das desilusões políticas pós-1968, quando a preocupação com o público/coletivo deu lugar à busca por enfoques mais personalizados do objeto histórico<sup>17</sup>. A fragmentação do conhecimento científico sobre o social estabelece assim uma relação tensiva com sua manifestação metodológico-estilística, levando à dúvida ontológica acerca do valor desse conhecimento, especialmente a respeito da escrita da história.

A constatação dessa fragilidade do discurso historiográfico não significa sua derrocada como instrumento de conhecimento. Pelo contrário, tal constatação serve para produzir uma nova dinâmica entre os estudos históricos. Dinâmica essa consciente de seus limites discursivos, ou melhor, das formas discursivas a que todo e qualquer texto está inevitável e intrinsecamente ligado. Isso significa dizer que, ao tomar consciência de sua própria narrativa como construção histórica, o historiador passa a buscar os artifícios produtores e os efeitos de linguagem da documentação com a qual trabalha. E mais! Não se prende apenas à forma construída, como se essa fosse a única explicação para sentido do texto estudado. Assim, a análise da forma textual dinamizada no discurso documental serve de instrumento para que o pesquisador possa alcançar os sentidos do material sobre o qual se debruça. Ou seja: as formas discursivas são históricas, o que torna necessário observar a historicidade de suas convenções.

É preciso, no entanto, destacar que ficção e historiografia não se confundem. Essa é a decorrência da tese defendida por Ginzburg há cerca de dez anos<sup>18</sup>. Contra aqueles que acreditam encontrar no texto historiográfico apenas um modelo literário com formas tradicionalmente estabelecidas, o grande historiador italiano apresenta um argumento importante. Ginzburg destaca a importância da prova para o trabalho do historiador bem como para a elaboração da argumentação retó-

---

<sup>17</sup> STONE, L., "The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History." In: *Past and Present*, 85, 1979, p.14-15.

<sup>18</sup> "A redução, hoje em voga, da história à retórica não pode ser repelida sustentando-se no fato de que a relação entre uma e outra sempre foi fraca ou pouco relevante. Em nossa opinião, essa redução pode e deve ser rechaçada pela reavaliação da riqueza intelectual da tradição que remonta a Aristóteles e a sua tese central: as provas, longe de serem incompatíveis com a retórica, constituem o seu núcleo fundamental." GINZBURG, C. "Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez." In: Id. *Relações de força: história, retórica, prova.* (Trad.). São Paulo: Cia. das Letras, 2002 [2000], p.63. Resgata-se, assim, simultaneamente o valor positivo tanto do texto historiográfico como de Retórica em si.

rica ao situar o discurso historiográfico no âmbito da retórica, de seus preceitos e de suas técnicas, principalmente de sua preocupação em convencer o destinatário. De certo modo, Ginzburg retorna a seu artigo sobre o caráter indiciário da pesquisa histórica (escrito mais de uma década antes) identificando agora uma semelhança desse caráter com o tipo de escrita do historiador<sup>19</sup>. Esse traslado de referencial deve-se ao já mencionado fortalecimento do pensamento que aproxima história e narrativa a partir de fins dos anos 1960 e, sobretudo, da década seguinte<sup>20</sup>.

Tal percepção permite que o historiador, ao exercer seu ofício, adquira cada vez mais consciência da particularidade de seu discurso. Por essa razão, alguns historiadores, para se autolegitimar, buscam conforto em portos quase éticos, muitos deles vinculados à opção metodológica como uma questão de princípios. Esse parece ser o caso de Ginzburg, que, ao localizar a relação entre retórica e historiografia na própria metodologia do discurso, estabelece bases de princípios que não devem ser rompidos pelo historiador a fim de não ultrapassar as “normas” de seu ofício e colocar em risco toda a corporação. A busca pelas provas é vista como o princípio ético do trabalho do historiador que assim distingue seu discurso dos ficcionistas.

Contudo, a relação entre os dois tipos de escrita (ficcional e histórica) não é marcada somente pela distância existente entre ambas. Uma vez ultrapassadas as circunstâncias de sua produção, uma e outra servem de indícios para o conhecimento do passado. Ambas podem ser objeto de estudo do historiador. Ambas são parciais, evanescentes por estarem ligadas diretamente ao autor e seu tempo. Daí a crítica ao estatuto científico do conhecimento historiográfico.

As considerações acima ganham sentido no presente artigo uma vez que o poema objeto de nossa reflexão foi classificado pela historiografia como um discurso no qual a compreensão da forma bastaria para a apreensão de seus significados: ele teria sido escrito segundo uma fórmula retórico-satírica como uma espécie de exercício de *scriptorium* voltado ao aprendizado das artes necessárias à escrita e nada mais<sup>21</sup>. No entanto, as considerações feitas até aqui nos incitam a

---

<sup>19</sup> GINZBURG, C., “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário.” In: Id. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. (Trad.). São Paulo: Cia. das Letras, 2002 [1986].

<sup>20</sup> STONE, L., *op. cit.*. Principalmente, WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001 [1978].

<sup>21</sup> LECLERCQ, J., *op. cit.*.

analisar detalhadamente a formalização retórica do texto, para, a partir daí, podermos vislumbrar os sentidos sociais nele impregnados e por ele gerados. Pretendemos, assim, ultrapassar a noção comum nos dias de hoje (base para a já citada avaliação historiográfica do poema), segundo a qual a Retórica não passa de discurso vazio, para compreendê-la como uma criação cultural visando a uma intervenção no meio social (concepção mais próxima do mundo medieval, como demonstraremos a seguir). Mas começemos pelo princípio, e no princípio era a Retórica.

### Retórica medieval

A forma poética escolhida por *Bolotinus* é um indício de que o texto teria sido escrito com a finalidade de exposição. Corrobora para essa hipótese a sua função combativa, evidenciada pela preocupação em convencer o público alvo, de que aqueles a quem ele atacava eram, de fato, falsos religiosos que iludiam os mais simples por meio de artes malignas<sup>22</sup>. Censura-se a falsidade religiosa de alguns para que esses sejam punidos por seus atos e para que sejam esclarecidas as mentes daqueles que os seguem. Exposição e meios de persuasão: esses elementos eram, desde a Antiguidade Clássica, constitutivos da Retórica. No ensino do *Trivium* medieval, as obras de Aristóteles só foram largamente difundidas a partir do século XIII e mesmo sua Retórica foi pouco utilizada<sup>23</sup>. Todavia, existe uma série de tratados e manuais que retomam, de diferentes maneiras, o texto aristotélico. Merecem destaque os clássicos *Institutio Oratoria* de Quintiliano, autor um tanto controverso, uma vez que filólogos e historiadores discordam sobre o alcance de seus escritos na Idade Média, e *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de *Martianus Capella*<sup>24</sup>. Existem também alguns tratados medievais como o *Metalogicon* de João de Salisbury, o *Heptateuchon* de Thierry de Chartres, além de uma série de escritos menores sobre as artes *dictaminis, rhetorica, praedicandi* etc.

---

<sup>22</sup> “*Arte maligna decipiendo simpliciores*” (v. 51). Todas as traduções do poema de *Bolotinus* são de nossa autoria. Esperamos em breve poder oferecer a essa mesma revista nossa tradução do poema (a única em língua vernacular).

<sup>23</sup> CURTIUS, E. C., *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1996, p. 103.

<sup>24</sup> CURTIUS, E. C., *op. cit.*, p. 207, diz, de maneira generalizadora, que nos séculos XII e XIII, as obras de Quintiliano permaneciam ao alcance dos leitores. Por sua vez, LE GOFF, J., “*Memória*”. In. *Enciclopédia Einaudi, vol. 1: Memória-História*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1984, p. 23 e 30, indica que, apesar de a Retórica antiga renascer nos séculos XII e XIII, a *Institutio Oratoria* do mesmo Quintiliano era praticamente ignorada.

A importância da instituição retórica antiga para a conformação do poema ganha força ao lembrarmos da chamada “Escola” de Chartres (de inspiração neoplatônica). A esse respeito, é importante salientar que esse “centro” educacional parece ter sido mais um conceito criado pelos historiadores modernos do que uma realidade institucional<sup>25</sup>. Infelizmente, uma parte considerável da documentação que poderia auxiliar as pesquisas sobre essa questão foi destruída em um bombardeio (aparentemente acidental realizado pelos aliados) que atingiu os arquivos municipais da cidade na Segunda Guerra Mundial. Mesmo assim, não se nega que a escola do capítulo catedralesco chartrense tenha vivido certo desenvolvimento no estudo das artes liberais e de autores clássicos desde o século XI com o bispo Fulbert.

Dentre os diversos manuais de Retórica que circulavam no período, um merece destaque: a *Rethorica ad Herennium*, uma das mais difundidas artes sobre a oratória no Ocidente medieval. Sua autoria é ainda motivo de debates entre pesquisadores. Uns a atribuem a Cícero, outros a Cornifício, outros ainda preferem uma posição mais prudente e a definem como obra anônima. Sabe-se com certeza que é o mais antigo manual sobre retórica em língua latina (cerca de 80 a.C.), o que lhe confere grande importância no estudo da instituição retórica romano-helenística.

Somente em meados do século XV, a autoria ciceroniana da *ad Herennium* começou a ser questionada. Os medievais atribuíam sua autoria a Cícero, chamando-a de Retórica Segunda por acreditarem que ela teria sido escrita após o seu *De inventione*, outro manual de grande difusão no período. Sem dúvida, o peso dessa *auctoritas* colaborou para o grande sucesso do texto, o que não significa que ele seja desprovido de qualidades práticas intrínsecas<sup>26</sup> (é o primeiro a apresentar,

---

<sup>25</sup> A ideia de uma escola em Chartres foi formulada em CLERVAL A., *Les Ecoles des Chartres au Moyen Age: du Ve au XVIe Siècle*. Chartres: Librairie R. Sellarret, 1895, e rebatida a partir de SOUTHERN, R. W., “Humanism and the School of Chartres”. In: *Medieval Humanism and other studies*. Oxford, 1970. O balanço final de Verger nos parece o mais prudente: “il n’est plus possible de parler en termes aussi tranchés qu’on le faisait jadis de l’ ‘école de Chartres’ et de ses rapports avec celle de Paris ; il apparaît à tout le moins que, de l’une à l’autre, les hommes et sans doute les idées circulaient aisément.” VERGER, J., *La renaissance du XIIIe siècle*. Paris: du Cerf, 1999, p. 29.

<sup>26</sup> Para comentários acerca do sucesso desse manual no período, bem como sua organização e intertextualidades ver: CAPLAN, H. “Introduction to the *Rethorica ad Herennium*” e “A mediaeval commentary on the *Rethorica ad Herennium*”. In: Id. *Of Eloquence: Studies in Ancient and Mediaeval Rhetoric*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1970, p. 1-25 e 247-270 respectivamente.

em latim, quase todos os termos técnicos da Retórica referentes às figuras da elocução – os ornamentos<sup>27</sup>).

Nessa Retórica, trata-se dos três gêneros de causas: o demonstrativo (epidítico), o deliberativo e o judiciário. Trata-se em especial das cinco categorias que o orador deve conhecer para alcançar eficazmente seu objetivo, ou seja, convencer o outro daquilo que defende. São elas: invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. As três primeiras são propriamente verbais – invenção: momento em que o orador acha os lugares-comuns para criar aquilo que irá falar; disposição: ordem sequencial que dá aos lugares-comuns; elocução: em que ornamenta o discurso com tropos e figuras de estilo. As outras duas, memória e pronúncia, correspondem à memorização do discurso e a sua dramatização oral e gestual. O autor estabelece ainda as seguintes partes do discurso: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação e conclusão. Essas são, *grosso modo*, as condições gerais sob as quais determinado texto ou exposição pública deve se organizar.

Teria *Bolotinus* utilizado o texto dedicado a Herênio para compor seu poema? Teria ele apenas seguido um modelo retórico? Apesar da grande difusão dessa Retórica, a simples constatação da circulação do manuscrito em regiões diferentes não significa que ele seja conhecido, mesmo por aqueles que o possuem. Evidências do uso de tal texto podem ser encontradas nas muitas glosas e comentários feitos a ele ao longo da Idade Média<sup>28</sup>. No que nos interessa aqui, um primeiro passo para afirmarmos, em bases sólidas, o uso efetivo do acervo retórico antigo por parte da comunidade eclesiástica chartrense seria adentrarmos suas bibliotecas ou *scriptoria*. Infelizmente, grande parte desse acervo foi destruída durante a guerra, deixando incertezas quanto aos manuscritos existentes na cidade de Chartres no período aqui estudado<sup>29</sup>. Lacuna, importante, sem dúvida, mas de modo

---

<sup>27</sup> CHELINI, A. *Rhetorica ad Herennium – IV* <sup>o</sup> Livro: tradução, notas e comentários sobre termos técnicos da Retórica. Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP, 1987. p. I.

<sup>28</sup> WARD, J. O., “From antiquity to the Renaissance: Glosses and Commentaries on Cicero’s *Rhetorica*”, In: MURPHY, J. J. (ed.). *Medieval Eloquence: Studies in the theory and Practice of Medieval Rhetoric*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1978, p. 33.

<sup>29</sup> R. GIACONE, “Masters, Books and Library at Chartres According to the Cartulaires of Notre-Dame and Saint-Père”. In. *Vivarium*, XII, I, 1974, p. 30-51, insere-se na discussão a respeito da existência ou não de uma escola chartrense por meio do estudo de seus possíveis professores, deixando quase nenhum espaço para bibliotecas e livros propriamente ditos. No *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque de la ville de Chartres*, Chartres, 1840, encontramos os manuscritos presentes na cidade no início do século XIX. Embora não sejam dadas informações sobre a constituição dos fundos no período que nos interessa, o manuscrito 102, que pertenceu ao capítulo da catedral até o confisco revolucionário, apresenta uma cópia do século IX do *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de *Martianus*

algum irreparável. De fato, existem outras formas de comunicação que, utilizando outros suportes e técnicas, permitem-nos inferir, com satisfatória segurança, as referências culturais de uma dada comunidade. Se nos falta a biblioteca, temos a catedral inteira. Se nos faltam os livros, temos as paredes e vitrais de uma das mais impressionantes obras arquitetônicas e imagéticas do período. Assim, encontramos no portal Sul do Pórtico Real (fachada ocidental), construído entre 1145-1150, a representação das artes liberais circundando a matrona da catedral. Ali encontramos, do lado direito de Maria, em segundo lugar a partir do ápice do arco para baixo, a alegoria da Retórica encarnada na figura de Cícero<sup>30</sup>. Dado importante, não só pela constatação da associação direta daquela arte com o famoso orador romano, como também pela localização privilegiada dada a ela pelo capítulo catedralesco. Isso significa que os textos de Cícero ou atribuídos a ele sobre a Retórica desfrutavam de um amplo reconhecimento entre os cônegos chartreses na década em que se seguiu a redação do poema por *Bolotinus*. Nesse contexto, causaria grande surpresa nosso autor desconhecer a *Rhetorica ad Herennium*. Vejamos, então, alguns pontos de possível congruência entre o manual e o poema.

---

*Capella*. O levantamento de Y. DELAPORTE, *Les manuscrits enluminés de la bibliothèque de Chartres*, Chartres: Société archéologique d'Eure-et-Loir, 1929, p. 18 (também sem dar o estado das bibliotecas no século XII), atesta a existência, sob o número XLV (manuscrito 100), de uma cópia do século XI pertencente ao capítulo da cidade. Tal codex foi sumariamente descrito como *Aristotelis, Boetii, Alcuini et Ciceronis Opuscula*. O "Catalogus codicum hagiographicorum latinorum bibliothecae civitatis Carnotensis". In: *Analecta Bollandiana*, VIII. Bruxelas, 1889, apresenta uma coleção de textos hagiográficos antigos (a partir do século VIII) possuídos pela abadia Saint-Père-en-Vallée. A listagem não apresenta nenhum documento sobre o ensino do *Trivium* (nos parece normal que os bolandistas tenham concentrado sua atenção nas hagiografias, deixando de lado todos os outros tipos de fontes encontradas). Uma grande parte dos textos do século XII (e mesmo anteriores), ali recensados a partir do século XVIII, é composta por vidas dos Pais do Deserto e de outros eremitas, fato nada raro dentre as bibliotecas monásticas do início do século XII. Em Ch. V. LANGLOIS, *Les fonds d'Etat de la Bibliothèque de Chartres: formation restitution et aliénation d'après les papiers de la Bibliothèque*. Paris, 1904, o autor trata das mudanças sofridas pelo acervo local durante a Revolução Francesa. O estudo apresenta os títulos e os autores de algumas obras encontradas nas bibliotecas de Chartres, sem, entretanto, dar informações codicológicas ou paleográficas que permitam a datação dos manuscritos citados. JUSSELIN, M. *Petite histoire de la Bibliothèque municipale de Chartres*. Chartres, 1962, faz uma longa e detalhada história institucional (acervo, funcionários, prédios etc.) da biblioteca da revolução Francesa até 1962. Mais uma vez a descrição do estado do acervo presente nas bibliotecas da cidade e de seu entorno na primeira metade do século XII não foi sequer vislumbrada.

<sup>30</sup> A atribuição da imagem a Cícero se baseia no *Heptateuco* de Thierry de Chartres, chanceler do capítulo catedralesco (ofício responsável pelo ensino aos cônegos) entre 1142 e 1150. Cf. JEAUNE-AU, E., "Les Maîtres Chartrains". In. *Monde médiéval et société chartraine*. Atas do colóquio. Paris: Picard, 1997, p. 102-103.

### Construindo o texto: o poema de *Paganus Bolotinus*

Logo no início do trato da causa judiciária, somos instruídos sobre como conquistar os ouvintes (ou leitores). Diz o autor para aqueles que pretendem atrair a benevolência da plateia contra seu adversário que é preciso levá-la “ao ódio, à indignação e ao desprezo” do outro por meio da baixeza, da perfídia, da crueldade, da impudência, da malícia, da depravação, da riqueza, da intemperança, da inércia, da ociosidade e da luxúria dos adversários<sup>31</sup>. Ou seja, para constituir a causa judiciária em que se incrimina o adversário, o orador deve aplicar lugares-comuns de pessoa (*loci a persona*) próprios do gênero demonstrativo, que é, como dizem os latinos, *ars laudandi ac vituperandi*, arte de louvar e de vituperar. Este parece ter sido o mote essencial para a redação do poema, que, ao atacar a falsidade de certos eremitas, buscou provocar no leitor afetos de repulsa, constituindo a inferioridade dos tipos vituperados por meio da sua caracterização como tipos viciosos: “Nenhum [deles] honra a nobreza nem a probidade, / Nenhuma glória dos costumes [lhe] confere utilidade”<sup>32</sup>. Ainda no campo da causa judiciária, se uma parte quer acusar a outra de buscar obter vantagens, “o acusado evidenciará a cupidez do réu”<sup>33</sup>. Parece-nos clara a vontade de *Bolotinus* de demonstrar o anseio por vantagens entre seus acusados. Anseio que sempre vem ilustrado por traços de cupidez, como na passagem em que o falso eremita aparece tão glutão quanto avaro: “Assim como o grande acervo de riquezas é atribuído ao avaro, / De modo não diferente comer as delícias é permitido a esses”<sup>34</sup>.

O discurso deliberativo, o qual propõe aquilo que se deve fazer no futuro, parece ser o menos adequado ao nosso poema. Apesar disso, merece destaque a importância da modéstia, parte da matéria honesta de que trata a deliberação. Diz a Retórica: “usaremos as partes da modéstia se vituperamos os desejos excessivos

---

<sup>31</sup> “*Ab adversariorum persona benivolentia captabitur si eos in odium, in invidiam, in contemptionem adducemus.*” Livro I, V, 8. Boas edições da Retórica podem ser encontradas em: ACHARD, G., *Rhetorique à Herennius*. Paris: Belles Lettres, 1989 e CAPLAN, H., *De ratione dicendi*. The Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1954. As traduções citadas são de SEABRA, A., *Ethos e Pathos na Retórica a Herênio*. Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP, 2003 (tal tradução foi realizada em conjunto com Ana Paula Celestino Faria).

<sup>32</sup> “*Nobilitatem nullus honorat nec probitatem, / Nullaque morum gloria confert utilitatem.*” (v. 27-28). Cf. também v. 4-6; 16; 30; 31; 70 etc.

<sup>33</sup> “*Hic accusator in spe commodi cupiditatem ostendet adversarii*” Livro II, III, 4.

<sup>34</sup> “*Sicut avaros grandis aceruus diuiciarum, / Haut secus istos afficit esus deliciarum.*” (v. 227-228). Cf. também v. 53; 125; 224; 259 etc.

de honorarias, dinheiro e similares; e se mantivermos cada coisa no seu limite definido por natureza; se mostrando o quanto é suficiente em cada caso, dissuadiremos de buscar o que é excessivo e estabeleceremos a medida de cada coisa”<sup>35</sup>. Ora, o poema trata justamente da medida das coisas. Da medida do eremita, de quando um religioso deixa de o ser por ultrapassar o limite da ordem (natural, divina e, portanto, terrestre), buscando satisfazer desejos incompatíveis com o que deveria ser sua função neste mundo. A modéstia retórica encontra eco na humildade cristã e suas primas, a constância e a obediência monástica, defendida desde a abertura do poema sob a forma de *ordo*: “Sem ordem, ordem nefanda, quando vestido com pele de carneiro, / Quer ser reconhecido como religioso”<sup>36</sup>.

Finalmente, é o gênero demonstrativo que mais se adapta à invenção de nosso poema. Este é, como dissemos, o gênero do louvor e do vitupério. Visa expor ao público os perigos de certas práticas, destacando os atos injustos, imodestos, covardes e imprudentes do acusado. Segundo o preceito aristotélico e latino, a vituperação compõe tipos inferiores, caracterizando-os como tipos deformados aos quais falta a virtude. De modo geral, na variante vituperadora do gênero demonstrativo: se o acusado possui qualidades, o acusador deve defender que o acusado não exerceu de maneira satisfatória aquilo que lhe era possível por natureza exercer; se possui vícios, esses devem ser destacados por meio da ampliação que os exagera e deforma. Afirma-se ainda que, nesse gênero, a utilidade das outras duas causas (judiciária e deliberativa) é grande, por isso a brevidade no trato por parte do autor da Retórica a Herênio nesse ponto de seu manual<sup>37</sup>. A vituperação implica a deliberação: ataca-se o mal para propor o bem como modelo da ação futura (o que pressupõe um juízo). Em seu poema, *Bolotinus* se posiciona contra boa parte da população chartrense mostrando-lhe os erros dos falsos eremitas e daqueles que os têm em alta estima. Visa mostrar, aos ouvintes ou leitores, os perigos de se aceitar as hipocrisias vestidas com roupas brancas e capuz. De certo modo, tem grande sucesso, pois alcança até mesmo aqueles que não habitam naquela cidade, mas que compreendem os perigos de associados a falsos humildes, como é o caso de Orderic de Vital. Assim como aqueles que possuem qualidades devem ser re-

---

<sup>35</sup> “*Modestiae partibus utemur si nimias libidines honoris, pecuniae, similibus rerum vituperabimus; si unam quamque rem certo naturae termino definiemus; si quoad cuique satis sit ostendemus, nimium progredi dissuadebimus, modum uni cuique rei statuemus.*” Livro III, III, 5.

<sup>36</sup> “*Ordinis expers, ordo nefandus, pellibus agni / Cum sit amictus, uult reputari religiosus*” (v. 1-2). Cf. também v. 53; 57; 58; 111; 137; 194; 265 (visto do ponto de vista do bom eremita) etc.

<sup>37</sup> Livro III, VI, 10 à VIII, 15.

criminosos por não exercê-las, da mesma maneira, os acusados pelo cônego char-trense, tendo optado por um tipo de vida largamente valorizado, não souberam exercê-lo. É o que se pode depreender de passagens como: “Tendo lido as escrituras, não colocam em prática o que aprenderam; / Tendo ensinado as coisas corretas, não realizam o que ensinaram”<sup>38</sup>.

Deixamos por último o aspecto que mais qualifica nossa aproximação entre a estrutura do poema e as diretrizes do rétor romano. Lemos no livro segundo sobre o gênero judiciário: “se o réu goza de forte reputação de pureza e integridade, dirá o acusador que os fatos, não a fama, devem ser levados em conta, pois o réu antes ocultara seus defeitos”<sup>39</sup>. Ora, esse é o núcleo argumentativo do texto de *Bolotinus*: desconstruir a fama dos eremitas por intermédio da acusação de hipocrisia. A passagem a seguir demonstra bem a implosão pretendida pelo autor: “Condena os avaros, sendo um avaro. Diz coisas doces, / Sendo amargo: lobo pelo coração, cordeiro pelas vestes. / Assim simula a religião, pois se veste com túnica. / Assemelha-se a um religioso com vestes pretas”<sup>40</sup>.

Ditas essas palavras sobre a provável filiação de nosso poema, é preciso ainda apontar que ele é também tributário de outros manuais retóricos ou afins. É o caso da presença da figura de Epicuro. Hugo de São Vitor em seu *Didascálicon – Da Arte de Ler* (c. 1127), ao introduzir a Lógica, cita uma passagem de Boécio na qual diz que Epicuro “equivoca-se ao considerar a volúpia como sendo algo honesto”<sup>41</sup>. No verso 82 de nosso poema, lemos: “tendo carnes e vinhos aquele que os consome é Epicuro”<sup>42</sup>. É evidente que essas não são as únicas referências ao filósofo grego em circulação nos manuscritos da época. Contudo, as coincidências aqui não devem ser menosprezadas. Em primeiro lugar, as datas de confecção do poe-

---

<sup>38</sup> “*Scripta legentes, que didicerunt non imitantur; / Recta docentes, que docuerunt non operantur.*” (v. 333-334). Cf. também v. 307-310; 313-314; etc.

<sup>39</sup> “*Si vehementer castus et integer existimabitur adversarius, dicet facta, non famam spectari oportere; illum ante occultasse sua flagitia.*” Livro II, III, 5.

<sup>40</sup> “*Da<m>pna avaros, cum sit avarus. Dulcia fatur / Cum sit amarus: corde lupinus, uestibus agnus. / Sic simulator religionis, dum tunicatur. / Religioso uestibus atris assimilatur.*” v. 10-13. É correto dizer que toda vituperação dos eremitas realizada por *Bolotinus* segue a lógica da proposição acima, ou seja, a fama oculta a verdadeira face viciosa dos acusados. Sendo assim, indicaremos aqui apenas as passagens em que a hipocrisia se manifesta explicitamente. Cf. v.; 40-41; 47-48; 51; 53; 83-86; 94-96; 107; 131-134; 153-154; 163; 190; 255; 309-310; 327-332.

<sup>41</sup> “*honestum voluptatem mentitur*”. HUGO DE SÃO VITOR, *Didascálicon da arte de ler*. (A. MARCHIONNI, Ed. e Trad.), Petrópolis: Vozes, 2001. p.74-75.

<sup>42</sup> “*Carnibus utens uinaque sarbens est Epicurus*” (v. 82).

ma e do tratado de Hugo de São Vitor são bastante próximas, sendo que o último antecedeu em menos de dez anos o escrito chartrense. Depois, o local em que o personagem aparece no Didascálicon é justamente na seção que trata da Retórica. E, finalmente, sabe-se que o manuscrito teve grande circulação, fato esse que pode ter sido facilitado em relação ao capítulo catedralesco de Chartres, uma vez que tanto *Bolotinus* quanto Hugo eram cônegos membros de renomados centros de estudo.

Estando de acordo com os elementos constituintes da Retórica, é perceptível também em nosso poema a importância dada pelo autor à dinâmica dos vícios e das virtudes segundo uma disposição satírica. Ainda que se possa argumentar que o poema não siga o modelo satírico clássico de Horácio, segundo o qual as Sátiras (tal como as Epístolas) estão inscritas no gênero deliberativo – portanto, estruturado na dinâmica de aconselhamentos (Epístolas) e desaconselhamentos (Sátiras) elaborados como estrutura dialógica<sup>43</sup>, nem por isso deixamos de perceber elementos satíricos em nosso poema<sup>44</sup>. Quando falamos em sátira, temos em mente a emulação ferina presente nos escritos de Juvenal. Embora não possamos precisar em que medida se deu a interferência desse autor antigo na estruturação do poema de *Bolotinus*, isso não significa que ela não tenha existido<sup>45</sup>. De fato, sabe-se que as sátiras de Juvenal circularam nos meios educacionais no Ocidente medieval entre os séculos IX e XIII. Sabe-se também que esse autor se tornou famoso por seu tipo de sátira, a saber, um poderoso instrumento para desnudar os vícios, expondo seus praticantes à execração pública<sup>46</sup>.

Além dos três gêneros (epidítico, deliberativo e judiciário), encontramos também na *Rhetorica ad Herennium*, respaldo para algumas figuras satíricas presen-

---

<sup>43</sup> As epístolas de Horácio foram editadas em RUDD, N., *Epistles, book II and Epistle to the Pisones ('Ars Poetica')*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989. Para outros escritos de Horácio ver DURIENSE, E., MACEDO, J. A. de, SEABRA, A. L. de e PICOT, F. A. (trads.), *Obras completas (Odes, Épodos, Carme Secular, Sátiras e Epístolas)*. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

<sup>44</sup> Desde o primeiro comentário literário em 1869 até a última edição preparada por Leclercq, o poema foi sempre identificado como uma sátira devido ao processo de saturação negativa utilizado para compor o falso eremita. PARIS, P., *Histoire Littéraire de la France*, Paris: Victor Palmé, XI, 1869, p. 1-5; MANITIUS, M., "*Paganus Bolotinus*". In: *Geschichte der Lateinischen Literatur des Mittelalters*. Munique, C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1931, p. 868-869. COLKER, M. L., "Two notes: Latin poems from Paris codex B.N. Lat. 8433". In: *Medievalia et Humanistica*, XII, 1958. p. 3-10.

<sup>45</sup> Os obstáculos impostos pelo atual desconhecimento do acervo bibliográfico que era acessível ao capítulo da catedral no início do século XII se fazem sentir novamente aqui.

<sup>46</sup> CURTIUS, E. C., *op. cit.*, p. 85-87.

tes no poema. Segundo o rétor, são três os grandes tipos de ornamentação: símiles, exemplos e amplificações<sup>47</sup>. Hipérboles, metáforas e alegorias são alguns dos artifícios ensinados àquele que pretende denunciar o crime alheio<sup>48</sup>. Vale aqui atentarmos para as modalidades utilizadas por *Bolotinus* a fim de tentarmos apurar mais nossa identificação das estruturas discursivas do poema. Esses tropos e figuras ressaltam o caráter satírico de nosso poema. Os falsos eremitas são transformados em cizânia, rãs e outras chagas para intensificar o perigo que eles representam à saúde do mundo, pois “Essa é vista por nós como uma péssima praga acima de todas [as outras]”<sup>49</sup>.

*Bolotinus* promove uma amplificação dos vícios daqueles que pretende reprimir, mediante ornamentos que exageram o fato suposto, vituperando o caráter e as ações do acusado. Algumas das principais figuras hiperbólicas aparecem quando trata de vícios alimentares: “em todos esses, a voracidade de alimentos é tanta / que claramente seus ventres são seu Deus”<sup>50</sup> e “tendo comido o peixe e não satisfeito sugou as espinhas”<sup>51</sup>. A imagem do hipócrita oscila entre a de um monge caricaturado – “Tonsurado até o alto das orelhas e na testa saliente / onde brilha, tal neve, a branca cabeça com a boca vermelha, / vestido por tão sinuosa e redonda veste; / cada um calçado de coturnos revirados na boca”<sup>52</sup> – e a de um belo cavaleiro: “já ornado, sentado em cavalos magnânimos / tendo o pé tenso, corre percorrendo as planícies dos campos”<sup>53</sup>. Entramos, assim, no campo do estilo satírico, não em sua vertente que aborda o ridículo (*ridiculum*, o pequeno riso), mas sim por seu viés agressivo, a maledicência (*maledicentia*), que visa atacar vícios e crimes danosos à comunidade, ou melhor, a *ecclesia*: “Pois o final dos tempos já se aproxima, não duvidemos, / quando vemos surgir inúmeros prodígios monstruosos de religiões”<sup>54</sup>. O documento faz parte do gênero poético conhecido por de-

---

<sup>47</sup> Livro II, XXIX, 46.

<sup>48</sup> Livro IV, XXXIII, 44 – XXXIV,46.

<sup>49</sup> “*Hec super omnes pessima nobis plaga uidetur*” (v. 161). Cf. v. 156; 160; 163 etc.

<sup>50</sup> “*Omnibus istis ingluuiis est tanta ciborum, / Vt manifeste sit deus ipsis uenter eorum.*” (v. 225-226).

<sup>51</sup> “*Pisce comesto non saturatus suxit aristas.*” (v. 244).

<sup>52</sup> “*Tonsus ad aures usque supremas fronte patenti, / Cui nitet, ut nix, candida ceruix ore rubenti, / Tam sinuosa tamque rotunda ueste togatus; / Quique coturnis ore repandis est honeratus.*” (v. 43-46).

<sup>53</sup> “*Magnanimorum iam faleratus sessor equorum / Iam pede tenso plana perherrans currit agrorum.*” (v. 151-152).

<sup>54</sup> “*Iam quia finis temporis instet, ne dubitemus, / Cum tot oriri religionum monstra uidemus.*” (v. 33-34).

nunciar a desordem social, que, na Idade Média, comumente assumia um caráter apocalíptico<sup>55</sup>, conhecido por “sátira dos estados”<sup>56</sup>.

Trabalhos sobre a Sátira medieval são ainda muito raros e a identificação dessa forma de escrita no período é ainda bastante genérica. Talvez isso se explique devido à baixa (virtualmente nula) produção e circulação de *artes* medievais que tratam desse tema, quando comparadas a outros manuais de eloquência (poética, retórica, oratória etc.). De todo modo, alguns traços são recorrentemente utilizados no discurso satírico: além das já mencionadas hipérboles, temos em mente os jogos de palavras aplicados à reprovação e a tentativa de correção de hábitos e práticas<sup>57</sup>. Nesse sentido, duas palavras utilizadas pelo poeta merecem destaque: *Gyezita* e *manutus*. A primeira, uma referência bíblica bastante presente nos textos satíricos<sup>58</sup>; a segunda, uma espécie de neologismo poético inventado pelo autor para nomear, de maneira exagerada e perspicaz, o ser vicioso que delineia. Nos dois casos percebemos a substituição do termo “eremita” por nomes que denigrem o acusado, prática recorrente nos versos de *Bolotinus* e, segundo Pepin, uma das principais marcas da sátira<sup>59</sup>. Assim, retórica e sátira se unem no poema para, de um lado, instruir o autor sobre como tornar sua exposição eficaz e assim convencer seu público e, de outro, compor um estilo de discurso direto e incisivo baseado em figuras aplicadas à lógica do ataque mordaz aos vícios e da defesa veemente das virtudes<sup>60</sup>.

Finalmente, uma última apreciação formal do texto diz respeito a sua própria estruturação poética. “Belo poema em métrica adônica”: assim Orderic de

---

<sup>55</sup> Sobre a visão da realidade e suas representações na Idade Média: AUERBACH, E., *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2002 [1946]. Nas páginas 500 e 501 diz o autor: “um acontecimento terreno significa, sem prejuízo da sua força real concreta aqui e agora, não somente a si próprio, mas também um outro acontecimento, que repete preanunciadora ou confirmativamente; e a conexão entre os acontecimentos não é vista preponderantemente como desenvolvimento temporal ou causal, mas como unidade dentro do plano divino, cujos membros e reflexos são todos os acontecimentos.”

<sup>56</sup> DU MERIL, E., “Satire contre les différents états”. In. Id. *Poésies Inédites du Moyen Age*. Paris: Franck, 1854, p. 313-326.

<sup>57</sup> PEPIN, R. E., *Literature of Satire in the Twelfth Century: a neglected mediaeval genre*. Nova Iorque: Edwin Mellen Press, 1988, p. 8, 15 e 22.

<sup>58</sup> PEPIN, R. E., *op. cit.*, p. 5.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 15. O autor usa a expressão “shocking wordplay” para caracterizar esse tipo de prática.

<sup>60</sup> Para outro exemplo de poema satírico contra membros do corpo eclesiástico ver os versos de Hugo Primates publicado em DUBY, G., *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 18-19.

Vital escreve aquela que se tornou a primeira crítica formal ao poema. Tal percepção sugere que se trata de um texto agradável, pois retoricamente decoroso e, portanto, eficaz (quanto ao convencimento do outro) em sua versificação dividida em três partes iguais. Contudo, esse julgamento foi contestado pela crítica do século XX. Quanto à eficácia de sua formulação, Meyer diz estar prejudicada por não se tratar de um poema notável. Para ele a deficiência poética da versificação chegaria a prejudicar a boa compreensão da composição. Porém, está de acordo com Orderic quanto à formulação adônica, apontando ainda sua inserção em hexâmetros e a interpolação de rimas leoninas (versos cujos hemistíquios rimam entre si) e caudatas (versos em que só as palavras finais formam rimas)<sup>61</sup>. Ou seja, a instabilidade métrica e rímica prejudicaria a boa compreensão da mensagem do poema. Manitius<sup>62</sup>, seguindo Meyer, destaca que as rimas caudatas ocorrem em grupos maiores de três ou até mesmo quatro versos. Todavia, argumenta que a utilização da fórmula adônica auxiliaria na compreensão do poema. Finalmente, Leclercq, identificando os versos como majoritariamente rimas dissílabas (sendo algumas delas falsas), posiciona-se mais favorável à forma poética utilizada, apesar de indicar excesso no uso do *que*<sup>63</sup>.

Como vemos, há considerável polêmica cercando as qualidades poéticas do relato de *Bolotinus*: uma mistura de ritmos e rimas que, para alguns comentaristas, auxilia a compreensão do texto e, para outros, dificulta. Quanto a nós, podemos dizer, juntamente com Meyer, que “essa procura e hesitação na arte da rima [e da métrica] tem pouco de notável na primeira metade do século XII”<sup>64</sup>. *Bolotinus*, assim como outros escritores de seu tempo, não possuía a mesma necessidade sistematizadora das formas estético-estilísticas que hoje possuímos. Não é por acaso que existem poucos textos que tentavam ordenar a prática poética antes do final do século XII<sup>65</sup>. O que nos faz retomar a opinião de Orderic (que apresenta seu julgamento em função de parâmetros da época): “*Paganus* cônego de Chartres de so-

---

<sup>61</sup> MEYER, W., *op. cit.*, p. 377-378.

<sup>62</sup> MANITIUS, M., *op. cit.*, p. 868.

<sup>63</sup> LECLERCQ, J., *op. cit.*, p. 77. Adicionamos a essa abundância o excesso dos pronomes demonstrativos *hic*, *haec* e *hoc*, que, em alguns casos, torna difícil a compreensão do poema.

<sup>64</sup> “Dieses Suchen und Schwanken in der Reimkunst hat in der ersten Hälfte des 12. Jahrhunderts wenig Auffallendes.” MEYER, W., *op. cit.*, p. 378.

<sup>65</sup> A mais antiga e renomada obra desse gênero constituída na Idade Média foi a *Ars Versificatoria* de Mateus de Vendome escrita por volta de 1175, posterior, portanto, a nosso poema. Cf. FARAL, E., *Les arts poétiques du XIIe et du XIIIe siècle*. Paris : Honoré Champion, 1924.

brenome *Bolotinus* publicou recentemente um belo poema em métrica adônica, pelo qual a hipocrisia dessas superstições disfarçadas será finalmente e eloquentemente revelada”<sup>66</sup>. Forma e matéria em perfeita conjunção. O elogio remete à eficácia objetiva à qual o poema se destina: desmascarar a hipocrisia e os erros de determinadas práticas religiosas.

### O codex

A preocupação com a eficácia do discurso, o desnudamento da hipocrisia e a questão eremítica circunscrevem o caráter de gênero do poema, sugerindo uma explicação para a sua inserção no códice 8433 da série latina da Biblioteca Nacional francesa. O texto de *Bolotinus* não está sozinho e a análise do conteúdo juntamente com o qual foi encadernado pode reforçar o sentido genérico de suas partes. O conjunto de manuscritos nos permite vislumbrar o ambiente cultural no qual o poema foi inserido quando da montagem do códice. Ali também encontramos, em grafia gótica francesa de c. 1240, sermões de Geoffroy de Babion (clérigo famoso por sua pregação em defesa da reforma eclesiástica), um texto de Hugo Primates (clérigo exímio na arte poética da sátira), uma vida incompleta de *Sancta Maria Aegyptiaca* (pecadora famosa por sua remissão graças a sua conversão eremítica) de Hildeberto de Lavardin, além de peças de autores anônimos como um longo *Liber de contemptu mundi* e poemas satíricos menores<sup>67</sup>. É justamente entre o *Liber* e as sátiras que se encontra nosso poema. Posição emblemática, uma vez que *Bolotinus* se utiliza do estilo satírico para desenvolver a tópica da *fuga mundi*. Além disso, o poema está em consonância com a temática da pregação, central em Babion, do ataque à hipocrisia religiosa realizada por Primates, bem como do modo de vida eremítico como a de Maria Egípcíaca.

A junção desses textos, escritos originalmente no mesmo momento – primeira metade do século XII – e na mesma região (Geoffroy de Babion, morto em 1158, viveu em Angers e Bordeaux, Hugo Primates, entre 1095-1160, em Orleães e Hildeberto de Lavardin, entre 1056-1133, em Tours e Le Mans), informa-nos bas-

---

<sup>66</sup> Ver nota 4 acima.

<sup>67</sup> Nem todos os comentaristas estão de acordo sobre o conteúdo exato do códice BNF Lat. 8433. Cf. COLKER, M. L. “Two notes on Latin poems from Paris codex B.N. Lat. 8433”. In: *Medievalia et Humanistica*. t. XII, 1958. p 3 e 4 principalmente. Ver também a entrada 8433 do quarto tomo do *Catalogus Mss Bibl. Reg.* A atribuição de autoria de alguns dos manuscritos altera-se de uma publicação para outra, mas não a identificação do assunto de cada texto.

tante acerca do ambiente cultural no qual o poema de *Bolotinus* se inseria. Espacialmente, Chartres se encontra no centro de um círculo do qual a parte Norte atravessa a Normandia de Orderic de Vital e a parte Sul corta as principais cidades centros de ensino e de propagação das reformas religiosas da época (em especial Tours e Orleães). Esse último semicírculo evidencia uma configuração cultural específica: a ênfase na formulação erudita – segundo os ensinamentos antigos da arte oratória, poética e satírica – visando atacar duramente as práticas sócio-religiosas contrárias às diretrizes básicas da reforma gregoriana, mas também às liberalidades espirituais que ela engendra.

### Sátira no centro da dialética retórico-histórica

A forma retórica, satírica e poética do texto de *Bolotinus*, bem como o conjunto documental criado por sua encadernação, permite-nos conhecer a inserção geral do poema na sociedade que o produziu, distribuiu, consumiu e reproduziu, facilitando assim a compreensão do seu sentido. Nossa análise detalhada dos instrumentos discursivos empregados pelo poeta nos propicia ao mesmo tempo confirmar e ultrapassar o quadro geral no qual os editores haviam inscrito o poema. Que o texto tenha sido organizado segundo preceitos retóricos, com dispositivos da maledicência satírica, buscando com métrica e rima agradar e convencer aquele que o lê ou o escuta (a fim de facilitar a compreensão e potencializar a difusão da mensagem por meio da sua fruição) parece-nos um aviso para que, justamente, não sejamos levados a acreditar que sua explicação como fenômeno social se resume a sua forma. A historiografia, ainda hoje, restringe seus comentários à constatação da forma, confundindo, assim, o objetivo do autor (convencer o outro) com aquilo que motiva e sustenta a existência do poema com tal forma. Confundem-se os ornatos com a matéria, com as motivações do discurso retórico. Os traços exacerbados são importantes na constituição do texto, mas, se não os analisarmos minuciosamente, perderemos a explicação do todo.

De fato, o texto satírico pode revestir os desaconselhamentos que tece com as cores vivas da mais ácida vituperação. É essa configuração que encontramos nos versos de *Bolotinus*. O cônego (como já sugerimos) nem de longe busca produzir em seus leitores ou ouvintes aquele tipo de riso pequeno, ridículo, que desestimula determinadas práticas. Ele manifesta a mais forte repulsa diante do que vê

e que lhe torna tão difícil não escrever sátira<sup>68</sup>. Encontra-se, aqui, a distinção aristotélica, repetida nas retóricas latinas, de que há vícios fracos e não nocivos, que causam riso, e vícios fortes e nocivos, que produzem horror. Para *Bolotinus*, os vícios que vitupera são horrorosos e nocivos, daí a saturação satírica impressa no poema. Assim, a sátira é por definição – em especial no caso de Juvenal e daqueles que o emulam – um gênero discursivo que produz seus significados em função de determinado contexto histórico bastante preciso. Tal mecenas, tal político, esse ou aquele agente social é alvo da vituperação satírica devido às relações sociais e culturais que existem entre eles e o poeta. Para se compreender a sociedade, é preciso compreender a sátira e vice-versa, criando-se um círculo dinâmico (dialético) entre literatura e sociedade.

\* \* \*

Ainda que uma reflexão visando ao detalhamento da pluralidade dos sentidos sociais gerados em torno do poema ultrapasse em muito os objetivos deste artigo, podemos avançar alguns elementos-chave a título de conclusão. Uma vez traçadas as estruturas argumentativas principais do poema, pode-se vislumbrar o contexto social no qual elas estão ancoradas. A interiorização religiosa no século XII era ambígua, como ambígua também era a fronteira entre a boa e a má religiosidade. O desapego em relação às coisas do mundo, o retorno à vida evangélica e apostólica e aos ideais da Igreja primitiva descrita nas Sagradas Escrituras e nos textos patrísticos encantavam alguns membros dos quadros eclesiásticos. Contudo, por colocarem em risco o poder hierarquizador da Igreja, tais ideais também causavam repulsa entre outros membros do clero. Nessa posição limítrofe, encontramos o eremita, personagem amplamente aceito por leigos e clérigos (seculares ou regulares), desde que se enquadrasse em determinados parâmetros de vida religiosa. Via de regra, os clérigos, quando faziam alguma censura às práticas eremíticas, seguiam o que pregava a Regra de São Bento, defendendo que tal modo de vida só deveria ser praticado sob a tutela de um abade e após uma longa estada em um mosteiro junto com outros monges, pois, uma vez isolado, o pretense religioso não teria ninguém para guiá-lo e

---

<sup>68</sup> “*Difficile est saturam non scribere*”. Juvenal, Sátira I, 30. In : RAMSAY, G. G. (Trad.), *Juvenal and Persius*. Massachusetts: Harvard University Press, 1996, p. 4.

corrigir seus erros e, assim, indicar-lhe o bom caminho<sup>69</sup>. O poema de *Bolotinus* é um bom testemunho do processo normatizador levado a cabo pela instituição eclesiástica reformadora.

Partindo das sugestões retóricas dadas àqueles que pretendem atacar quem goza de boa reputação, o cônego se utilizou das regras de eloquência para efetivar seu discurso e defender sua visão da *ecclesia*. A argumentação do autor revela a ideia de que a hipocrisia, a avareza, a alimentação, a humildade e mesmo as vestimentas são critérios para se medir o comprometimento dos eremitas com a obediência e a constância, dois alicerces do monasticismo beneditino. Em suma, as relações com os bens materiais são apresentados segundo a lógica monástica de abandono do mundo baseada nos graus de humildade beneditina. A partir daí, a crítica à ânsia por poder (desejo atribuído aos falsos eremitas) surge como afirmação dos princípios basilares defendidos pelo cônego e que regem sua visão de mundo. O risco de rompimento com as normas que garantem o equilíbrio sócio-cultural do mundo é apresentado por meio das lentes apocalípticas do poeta. Contudo, é preciso lembrar que essa comunidade de sentido, apesar de se colocar como regra geral, tende obviamente à parcialidade, pois está associada intrinsecamente à determinada concepção de mundo que contrapõe membros do corpo eclesiástico entre si e esses aos leigos.

Devido ao fato de ter sido construído segundo preceitos discursivos, não devemos tratar o poema como mero exercício retórico realizado em um *scriptorium* supostamente sem relações com o mundo exterior. Ao invés de ser a prova cabal dos excessos cometidos por falsos eremitas, o texto é um testemunho de uma dinâmica social: a polêmica existente em torno do eremitismo. A fim de evitar a reprodução do discurso arquitetado nos versos de *Bolotinus*, é preciso que o historiador dê sentido à retórica, como reivindicou Ginzburg. Em suma, é preciso assumir o caráter polemista do poema decorrente de sua inserção no grande círculo espaço-temporal e temático mencionado há pouco; é preciso somar nele (no poema) seu aspecto discursivo formal e sua substância significativa sócio-cultural, ao invés de considerar um ou outro em separado como duas totalidades explicativas independentes.

---

<sup>69</sup> Ivo, famoso bispo de Chartres, em uma carta-resposta destinada aos monges de Columba, que lhe haviam questionado se deveriam abandonar a vida cenobítica e partir para o eremitismo, lhes responde que deveriam permanecer na segurança do mosteiro. *PL*. vol.162, col. 198-202.